

A APLICABILIDADE DA PRIMEIRA CONVENÇÃO DE GENEbra NA GUERRA DA TRÍPLICA ALIANÇA

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-338>

Data de submissão: 20/11/2024

Data de publicação: 20/12/2024

Ajamir Brito de Melo
E-mail: nel1970@yahoo.com.br

RESUMO

Desenvolveu-se o trabalho dentro da temática do Direito Internacional Humanitário (DIH). Tomou-se por base para a pesquisa diversos autores renomados e artigos em mídia eletrônica. O objetivo do artigo é mostrar dentro do contexto atual, tendo por base a aplicabilidade da Primeira Convenção de Genebra (1864) na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Foi abordado de maneira sucinta as definições de dignidade da pessoa humana, tomando por base o aumento da proteção da pessoa humana ao longo dos anos, a evolução histórica do direito internacional humanitário e do direito internacional dos conflitos armados. Foi explicado a origem da guerra, sua relação com a Convenção de Genebra, com o Direito Internacional Humanitário e com o DICA. Relacionou-se o DIH/DICA ao advento das violações e crimes de guerra, com um destaque maior na aplicabilidade da Primeira Convenção de Genebra aos crimes cometidos nesta guerra.

Palavras-chave: Guerra da Tríplice Aliança, Direito Internacional Humanitário, DICA, Primeira Convenção de Genebra.

1 INTRODUÇÃO

A Guerra do Paraguai começou em dezembro de 1864, quando tropas do Exército Paraguaio invadiram a Província do Mato Grosso, reivindicando aquele território para o Paraguai, e terminou em março de 1870, com a morte do Presidente Paraguaio, Francisco Solano López, sem que houvesse um acordo de paz conjunto das partes envolvidas no conflito. O conflito foi fruto de contradições regionais, de interesses econômicos e de desavenças políticas entre os estados fronteiriços. Uma das suas principais consequências foi a consolidação das fronteiras na região do cone Sul (LIMA, 2016).

O embate colocou de um lado a Tríplice Aliança, formada pelo Império do Brasil, pela República da Argentina e pela República do Uruguai, e do outro a República do Paraguai. Brasil e Argentina eram as potências regionais, rivais históricos que disputavam a hegemonia do estuário do Rio da Prata. Já o Uruguai era um estado algodão, criado para absorver as intrigas e evitar que um dos dois exercesse o controle total do comércio no estuário do Prata. Do outro lado, o Paraguai, uma nação extremamente militarizada e nacionalista, governada pela família López, desde 1840, quando Carlos Antônio López assumiu o governo (LIMA, 2016).

A tradicional Convenção de Genebra nascida em 1864, por iniciativa do Comitê Internacional da Cruz Vermelha e que acabava de ser fundado. Ela é a origem das convenções denominadas de Genebra e que hoje em dia já são universais. Sua aplicabilidade na Guerra da Tríplice Aliança é o objeto deste artigo.

A Constituição brasileira, a Constituição Política do Império do Brasil foi outorgada por Dom Pedro I em 25 de março de 1824. Em seu Título 8º “Das Disposições Gerais e Garantias dos Direitos Civis e Políticos dos Cidadãos Brasileiros” determinou em seu inciso 19 (escrita da época) do seu artigo 179, que “Desde já ficam abolidos os açoites, a tortura, a marca de ferro quente, e todas as mais penas cruéis”. Ou seja, naquela época, já havia a preocupação com a dignidade da pessoa humana.

Por isso, a intenção do artigo em verificar a aplicabilidade da Primeira Convenção de Genebra no conflito sul-americano.

2 DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA E CONVENÇÃO DE GENEBRA

Apontar a origem da pessoa humana, como um valor a ser respeitado por todos, não é tarefa fácil. No entanto, analisando a história, pode-se dizer que uma de suas raízes encontra-se no cristianismo. Dando um salto nos séculos, chega-se ao período iluminista, ao século da razão. Os séculos XVII E XVIII foram de fundamental importância para a consolidação da dignidade da pessoa humana como um ser respeitado por todos. A pesar do conceito de dignidade da pessoa humana

encontrar-se no rol daqueles considerados como vagos e imprecisos. É um conceito, na verdade, que desde a sua origem, encontra-se em construção.

Em muitas situações, somente a análise do caso concreto é que se permitirá saber se houve ou não efetiva violação da dignidade da pessoa humana. Não se pode desprezar, ainda, para efeitos de reconhecimento desse conceito, a diversidade histórico-cultural que reina entre os povos.

Os tratados internacionais, frutos de uma discussão global sobre determinado tema, ocupam lugar de destaque no cenário dos direitos humanos, impondo a observância de regras vitais à sociedade.

A Convenção de Genebra foi o nome que se denominou aos tratados internacionais assinados entre 1864 e 1949 para reduzir os efeitos das guerras sobre a população civil, além de oferecer uma proteção para militares capturados ou feridos. Reunidos por iniciativa do governo suíço em 22 de agosto de 1864, doze países europeus assinaram a primeira Convenção de Genebra para “melhorar a sorte dos soldados feridos no campo de batalha”. Assim, nasceu o Direito Internacional Humanitário, que oferece proteção às vítimas de guerra e conflitos armados. Portanto, esses tratados serviriam pelo menos para deixar claro o que o mundo considera inaceitável num conflito armado. Quem ultrapassar esses limites cometerá os chamados crimes de guerra.

Assim, a chamada Primeira Convenção de Genebra criou a Cruz Vermelha, órgão responsável pelo socorro em tempos e locais de guerra, tanto a civis quanto à militares. Versou também sobre problemas sanitários, respeito e cuidado de militares feridos ou doentes (1864), a garantia de proteção a hospitais e ambulâncias, instituiu a simbologia da Cruz Vermelha.

3 A GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA (1864 – 1870)

A Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai foi o maior conflito bélico ocorrido na América do Sul e o segundo maior do Continente Americano, ficando atrás apenas da Guerra Civil Americana (1861 – 1865).

O conflito opôs de um lado a Tríplice Aliança, formada pelas duas potências regionais, o Império do Brasil e a República da Argentina, adversários históricos, que lutavam pela hegemonia no Rio da Prata, e um Estado algodão, a República do Uruguai, o qual foi fundado para evitar que apenas uma das potências dominasse as duas margens do estuário do Rio da Prata. E do outro lado, a República do Paraguai, uma nação extremamente militarizada e nacionalista, governada autoritariamente pela família López desde 1840, quando Carlos Antônio López assumiu o governo. Este conflito está representado na Figura 1.

Figura 1 – Teatro de Operações da Guerra do Paraguai (1864-1870).



Fonte: Revista de História da Biblioteca Nacional, 2011.

A ofensiva paraguaia contra a Província do Mato Grosso não foi algo executado de forma impulsiva e sem preparo. Até 1863 o Exército Paraguaio contava com aproximadamente 28 mil homens veteranos. Em Agosto de 1864, o Paraguai contava com aproximadamente 64 mil novos soldados prontos para a guerra, além de uma esquadra nova liderada pelo vapor Tacuari. López insistia que não poderia assegurar a independência paraguaia, a fixação das fronteiras e o domínio dos rios sem enfrentar e vencer a sua maior ameaça, o Império Brasileiro (LIMA, 2016).

As ações militares iniciaram com a apreensão por parte dos paraguaios do navio brasileiro Marquês de Olinda, que transportava o novo governador da Província do Mato Grosso, Coronel Frederico Carneiro de Campos. O governo paraguaio havia recebido uma informação de que o navio brasileiro transportava armamentos, munições e uma razoável quantia de dinheiro (SEVERO, 2012).

No dia 11 de Novembro de 1864, o vapor de guerra paraguaio (Tacuari) perseguiu e interceptou o navio brasileiro (Marquês de Olinda), colocando todos seus tripulantes sob custódia, proibindo-os

de se comunicarem com qualquer um em terra. Essa interceptação foi uma resposta ao apoio dado pelo governo brasileiro ao caudilho uruguai Venâncio Flores, que lutava para depor o então presidente uruguai Atanasio Aguirre, aliado de Solano López (LIMA, 2016).

O Império Brasileiro decidiu não considerar a ação paraguaia um ato de guerra e resolveu buscar uma resolução diplomática, porém foi surpreendido pela notícia de que o Exército Paraguaio iniciou uma violenta ofensiva contra os territórios fronteiriços da Província de Mato Grosso, tomando localidades como o Forte Coimbra, a vila militar de Miranda e a cidade de Corumbá (LIMA, 2016).

Após sua ofensiva contra a Província de Mato Grosso, Solano López iniciou a incursão para o Sul, com um itinerário que atravessava os territórios brasileiro e argentino até chegar ao Uruguai, tendo como objetivo maior manter o Partido Blanco Oriental no poder e, assim, adquirir uma saída para o mar através dos portos uruguaios, um objetivo estratégico nacional paraguaio (LIMA, 2016).

3.1 A OFENSIVA PARAGUAIA NO TEATRO DE OPERAÇÕES NORTE

O governo paraguaio emitiu, em 13 de Dezembro de 1864, uma declaração de guerra ao Brasil, porém o governo brasileiro deu pouca importância, considerando quase impossível um ataque paraguaio contra o Império (LIMA, 2016).

Solano López ordenou, no dia 24 de Dezembro de 1864, a invasão da Província do Mato Grosso. A invasão ocorreu por duas frentes, uma coluna de 5 mil homens comandada pelo Coronel Vicente Barrios e outra de 4 mil homens comandada pelo Coronel Francisco Isidoro Resquín (LIMA, 2016).

A coluna comandada por Barrios invadiu pelo Forte Coimbra, fortificação brasileira as margens do Rio Paraguai, a coluna comandada por Resquín atacou a localidade de Miranda, visando juntarem-se as tropas de Barrios mais adiante (SEVERO, 2012).

Ao tomar Coimbra, o Exército Paraguaio apreendeu 50 canhões que foram levados para a Fortaleza de Humaitá e passaram a formar a Bateria Coimbra. Após a tomada do forte, Barrios seguiu para Corumbá, uma localidade com aproximadamente 80 casas de alvenaria e 149 ranchos (SEVERO, 2012).

Após saquearem mais algumas localidades como, Nioaque e Coxim, os paraguaios cessaram a marcha para o Norte devido à dificuldade de navegação até Cuiabá, capital da província, cidade mais preparada para resistir a uma invasão, mantendo assim o controle dos territórios conquistados pelo governo paraguaio. Barrios e Resquín retornaram para Assunção com cabeças de gado, armamentos, canhões e munições apreendidas, que vieram a ser utilizadas na ofensiva realizada no teatro de operações Sul (LIMA, 2016).

3.2 A OFENSIVA PARAGUAIA NO TEATRO DE OPERAÇÕES SUL

Após a ofensiva no teatro de operações Norte, fortalecido pelos espólios de guerra, o exército paraguaio iniciou sua trajetória rumo ao Uruguai. Para isso, pediu autorização ao governo argentino para cruzar o seu território

Na tentativa de ganhar tempo, General Mitre, presidente argentino, explicou para os paraguaios que perderia a neutralidade, defendida publicamente por ele, se permitisse o trânsito de tropas paraguaias por solo argentino, além de que o Brasil e o Paraguai já possuíam uma imensa fronteira terrestre por onde poderiam cruzar armas. Após isso, Mitre negou o pedido de López e ordenou que seu cônsul em Assunção retornasse para Buenos Aires (LIMA, 2016).

O governo argentino permitiu, em 18 de Março de 1865, que a esquadra do Almirante Tamandaré seguisse rumo ao Rio Paraguai. Essa atitude foi a gota d'água para o governo paraguaio. Em 29 de Março, o Paraguai declarou guerra à Argentina, porém o governo argentino manteve a declaração de guerra de López oculta, evitando dar uma justificativa para que ele invadisse seu território. Quando o Exército Paraguaio invadiu a Argentina pareceu um ataque desleal, uma agressão gratuita (LIMA, 2016).

Foi em Buenos Aires que o Tratado da Tríplice Aliança foi assinado e nele buscou-se deixar claro que os aliados não combateriam ao Paraguai, mas sim o governo de Francisco Solano López. Em 1º de Maio de 1865 representantes do governo brasileiro, uruguai e argentino concretizaram a coalizão para combater a tirania do ditador paraguaio.

Na manhã de 11 de Junho, a esquadra paraguaia, que possuía sete navios e seis chatas, atacou a esquadra brasileira do Almirante Barroso, que contava com nove vapores, três corvetas e cinco canhoneiras.

A batalha foi intensa, a esquadra brasileira foi ameaçada diversas vezes, mas a genialidade de seu comandante, Almirante Barroso, trouxe a vitória. Quando a luta ainda estava indecisa, ele ordenou que a fragata Amazonas, cuja proa era de aço, fosse ao encontro do navio paraguaio Jejuí, o qual possuía a proa de madeira, afundando-o. Devido ao sucesso dessa manobra, Barroso repetiu a mesma diversas vezes, retirando de combate os navios Salto, Paraguari e Marques de Olinda, além de uma chata inimiga (LIMA, 2016).

A vitória brasileira na Batalha do Riachuelo foi absoluta, a esquadra paraguaia saiu da batalha destruída devido a perda de mais da metade de suas embarcações. Junto com a derrota veio o fim da guerra-relâmpago de López e o consequente bloqueio do acesso ao Rio Paraná, isolando de vez o país de Solano.

Figura 2 – Batalha do Riachuelo.



Fonte: BRASIL, 2014.

Ao instalar-se em Uruguaiana, no dia 5 de Agosto, o Coronel Estigarribia desobedeceu a ordem de seu presidente. O Major Pedro Duarte enviou um emissário informando ao Coronel que o caudilho oriental Venâncio Flores, presidente do Uruguai, partiu de Concordia com mais de 4.500 homens e vinha ao seu encontro (LIMA, 2016).

Alertado pelo massacre de Jataí, Estigarribia tentou uma retirada, porém foi abordado pelo General brasileiro Davi Canabarro. Acuado o Exército Paraguaio tentou atacar os brasileiros, mas caiu em uma emboscada e foi cercado pelas tropas que haviam dizimado Duarte. Encurralado em Uruguaiana, Estigarribia custou a se render (SEVERO, 2012).

Após dias de bombardeios efetuados por 54 peças de artilharia e quando mais de 17 mil aliados estavam prontos para o assalto final, o comandante paraguaio enviou um emissário, o Major Ibañez, que comunicou ao comandante brasileiro a rendição paraguaia mediante algumas condições. "Dos quase 12 mil integrantes do contingente original, restavam menos de 5 mil. [...] um banho de sangue maior havia sido evitado".

Estava acabada a tentativa paraguaia de conseguir um acesso ao mar através de uma aliança com o Uruguai. A partir da retomada de Uruguaiana, os aliados passaram para a ofensiva e a guerra foi levada para dentro do território guarani.

3.3 A OFENSIVA BRASILEIRA NO TEATRO DE OPERAÇÕES NORTE

De acordo com Severo (2012, p. 474) "As notícias da agressão paraguaia a Mato Grosso acenderam um clamor patriótico inesperado no Brasil, até então um país meio amorfó, indiferente às convocações cívicas." Devido a maneira como o Brasil foi colonizado pelos portugueses e ao isolamento entre as províncias, era difícil a interação entre elas, principalmente as mais afastadas como o Mato Grosso, por isso era inesperado um ato patriótico da população brasileira mesmo com uma iminente invasão estrangeira. Conforme afirma Severo (2012, p. 471):

No Brasil o governo estudava como reagir à agressão, mas não se viam muitos espaços para agir concretamente contra o Paraguai. Caxias ofereceu um plano de ação, [...]. Pelo plano, o Exército entraria com 25 mil homens pelo Passo da Pátria, sobre o Rio Paraná, com 10 mil do Rio Grande do Sul atuando sobre Encarnación e 10 mil invadindo pelo Norte, através do Mato Grosso.

O Império iniciou a formação de um grande exército, que no papel era realmente poderoso. Seriam aproximadamente 440.000 Guardas Nacionais divididos em 239 comandos superiores. Porém a verdade era outra, o Brasil conseguiu contar efetivamente com cerca de 15 mil homens, a maioria da Região Sul, o restante contavam apenas em folhas de alistamento, não possuíam armas, fardamento ou treinamento. Além da maioria dos convocados esquivarem-se de suas obrigações, tendo elevado número de deserções na preparação da tropa (SEVERO, 2012).

As tropas brasileiras chegaram a Coxim, em Dezembro de 1865, onde permaneceram estacionadas por seis meses devido às chuvas intensas. Após esperar reforços e suprimentos que não chegaram, Galvão seguiu para Miranda para atacar os paraguaios. Em Dezembro de 1866, após 3 meses de marcha, as tropas chegaram a Miranda aonde encontraram a colônia saqueada e destruída (LIMA, 2016).

O Exército Brasileiro invadiu o Paraguai pelo Norte em 21 de Abril de 1866. As tribos indígenas Terenas e Guaicurus-Kadiwéus ofereceram-se para ajudar os brasileiros. Ao chegar a Bela Vista, a coluna encontrou o forte e os casebres incendiados, ficando a tropa sem mantimentos ou abrigo. Camissão resolveu seguir para Laguna, uma fazenda de López, onde pretendia conseguir mantimentos para prosseguir na invasão do território paraguaio, porém foi recebido por 780 paraguaios com 2 canhões, os paraguaios recuaram após cinco dias de conflitos (LIMA, 2016).

As tropas paraguaias voltaram a atacar os brasileiros em 8 de Maio de 1866. Sob fogo e sem víveres, Camissão ordenou a retirada, que entrou para a história como A Retirada da Laguna. Emboscados pelo Exército Paraguaio diversas vezes e molestados por um surto de cólera os brasileiros retiraram-se para Nioaque, de onde partiram para o porto de Canuto. Dos quase 3 mil homens que partiram em 1865, menos de 700 conseguiram retornar para casa em 1867 (LIMA, 2016).

A luta na província do Mato Grosso continuou, comandada pelo novo presidente José Vieira Couto de Magalhães. Após intensos combates, ele retomou Corumbá, degolando todos os paraguaios que se renderam. Ao retornar para Cuiabá, as forças imperiais levaram o vírus da varíola que dizimou quase metade da população da cidade, composta por aproximadamente 10 mil habitantes (LIMA, 2016).

3.4 A OFENSIVA ALIADA NO TEATRO DE OPERAÇÕES SUL

O Imperador do Brasil, Dom Pedro II, percebeu, em Julho de 1865, que deveria assumir um protagonismo na Guerra contra o Paraguai, concluiu que sua liderança ajudaria estimular o alistamento no Exército Brasileiro que carecia muito de efetivos e também levantaria o moral das tropas na frente de combate (LIMA, 2016).

O Imperador e seus genros chegaram ao acampamento de Uruguaiana no dia 11 de Setembro. Após as formalidades de recepção e uma breve reunião com os comandantes das forças brasileiras, o Barão de Porto Alegre e o Almirante Tamandaré, Dom Pedro II se reuniu com os comandantes aliados, Venâncio Flores, presidente do Uruguai, e Bartolomeu Mitre, presidente da Argentina, para uma conversa sobre os próximos passos da Tríplice Aliança (SEVERO, 2012).

Após o retorno do Imperador para o Rio de Janeiro e a rendição de Uruguaiana, o Exército Aliado iniciou os preparos para invadir o território guarani. Com um efetivo de aproximadamente 35 mil homens o General Bartolomeu Mitre acampou em Mercedes, região central de Corrientes (LIMA, 2016).

As forças do 1º Corpo de Exército Brasileiro, comandadas pelo General Manuel Luís Osório iniciaram, no começo de Abril de 1866, o assalto a uma ilhota, no Rio Paraná, de frente para o Forte de Itapirú. Após árdua luta, os aliados tomaram a Ilha de Carayá de onde pretendiam atacar o forte, objetivo importante para um futuro desembarque na região, visto que ficava protegia as praias que davam acesso ao dispositivo defensivo paraguaio (SEVERO, 2012).

Com mais de 45 mil homens espalhados pelo seu sistema defensivo, El Mariscal considerava-se inexpugnável. Para uma operação de ataque a uma praça fortificada o efetivo atacante deveria ser três vezes superior ao inimigo, devendo ser até dez vezes maior se o assalto partir de um campo aberto, e os aliados não dispunham de tal efetivo (SEVERO, 2012).

Solano López ordenou a retirada de Itapirú em 18 de Abril, abandonando o Passo da Pátria, devido ao avanço das tropas aliadas. Os aliados acamparam na região, ficando os uruguaios de Venâncio Flores responsáveis por Estero Bellaco. Em 2 de Maio 6 mil paraguaios comandados pelo

coronel José Eduvigis Díaz atacaram as tropas aliadas, chegando a dominá-las por alguns momentos (LIMA, 2016).

O General Osório, ao ouvir o tiroteio, ordenou o toque de reunir e partiu, com alguns Batalhões de Voluntários da Pátria, ao socorro das tropas uruguaias de Flores. Vendo as tropas de Osório, os paraguaios começaram a recuar e voltaram para suas linhas. O combate em Estero Bellaco não foi uma batalha, mas um golpe de mão dos paraguaios que conseguiram capturar quatro canhões da bateria oriental, deixando 3 mil de seus homens mortos no terreno. Os aliados tiveram 1.200 baixas, entre mortos e feridos (LIMA, 2016).

Após esse combate, Osório resolveu mudar o local de acampamento das tropas aliadas para um campo mais adequado a uma batalha defensiva. O local escolhido foi um terreno seco ao Sul da lagoa de Tuiuti. Em 20 de Maio os aliados transferiram seu acampamento e preparavam o dispositivo para deter um provável ataque paraguaio. Em 23 de Maio, o General Osório foi agraciado com o título de Barão do Herval.

Os aliados venceram os paraguaios na famosa Batalha de Tuiuti, a maior batalha da história da América do Sul. Severo (2012, p.531) afirma "Nunca antes nem depois houve tamanho morticínio, nem tantos homens frente a frente como em Tuiuti, naquele 24 de Maio, véspera da grande data nacional argentina." Já Lima (2016, p.219) comenta que "[...] não havia dúvida de que aquele tinha sido o confronto mais sangrento de toda a história Sul- Americana."

As perdas foram pesadas para ambos os lados. De acordo com Lima (2016, p.2019),

As perdas da Aliança chegaram a 4.049 homens, sendo 3.011 brasileiros – 719 mortos e 2.292 feridos - 606 argentinos – 126 mortos e 480 feridos -, e 432 uruguaios – 133 mortos e 299 feridos. Entre os paraguaios, as baixas foram de 4 mil mortos, cerca de 6 mil feridos e 370 feitos prisioneiros [...].

Além do elevado número de baixas, os aliados também perderam generais importantes como o general Antônio de Souza Netto e o general Antônio de Sampaio. Após o combate, o General Osório pediu permissão para perseguir os paraguaios e vencer a guerra de uma vez por todas, mas Mitre, comandante das forças aliadas, decidiu manter as tropas em posição pois já haviam ocorridas muitas baixas e o exército inimigo já havia acabado, era questão de tempo para se render, além do mais seus homens estavam exaustos. Porém, por mais argumentos que Osório tenha utilizado, o presidente argentino não concordou com a contraofensiva (LIMA, 2016).

Após dois meses sem alguma ação, o General Mitre ordenou o ataque a região do Boquerón del Sauce, onde se encontravam as principais peças da artilharia paraguaia. Entre 15 e 17 de Julho forças aliadas e paraguaiaias se enfrentaram tendo elevado número de mortos, sendo 5 mil aliados e 3

mil paraguaios. O número de baixas só não foi maior, pois o presidente uruguai, Venâncio Flores, desobedeceu Mitre e regressou antes de suas forças serem dizimadas (LIMA, 2016).

Após a desastrosa operação de Curupaiti, Dom Pedro II decidiu colocar o Marechal Luís Alves de Lima e Silva no comando das forças brasileiras. Nem bem assumiu o comando Caxias já convocou Osório, que estava se recuperando de ferimentos, e o nomeou comandante do 3º Corpo de Exército e ordenou que recrutasse homens no Rio Grande do Sul (LIMA, 2016).

O combate de Pare-Cuê ocorreu em 3 de Outubro, nele os paraguaios perderam 500 homens e os brasileiros 170 homens. As tropas aliadas tomaram as bases de San Solano, Villa del Pilar, o ancoradouro de Tahí e cortaram as linhas telegráficas que ligavam a fortaleza a Assunção, isolando Humaitá ao Norte e ao Sul (SEVERO, 2012).

Visando evitar que os aliados tomassem Assunção e instalassem um governo provisório, López transferiu a capital para Luque. Em 24 de Março, os aliados já apontavam as baterias para Assunção. As canhoneiras imperiais fizeram alguns disparos contra a cidade e seguiram rumo ao Norte (LIMA, 2016).

Caxias decidiu atacar as tropas guaranis vindo do Norte, para isso ele ordenou a construção de uma estrada de onze quilômetros através do Chaco. Por essa estrada marcharam 23 mil soldados aliados. A Marinha Imperial forçou a passagem por Angostura e embarcou as tropas aliadas ao final da estrada do Chaco, desembarcando-as em San Antônio, na retaguarda inimiga. Essa manobra ficou conhecida como Manobra de Piquissiri (LIMA, 2016).

Após essa manobra, os aliados iniciaram a campanha que ficou conhecida como Dezembrada. Em 6 de Dezembro de 1868, ocorreu a Batalha de Itororó, na qual lutaram cerca de 15 mil brasileiros contra 5 mil paraguaios. Os dois exércitos estavam separados por uma ponte de madeira de três metros de largura, o que deixava um espaço muito reduzido para a travessia. Depois de inúmeras investidas brasileiras sem sucesso, Caxias deixou seu posto de comando e, com a espada na mão, bradou: "Sigam-me os que forem brasileiros!" (LIMA, 2016).

As tropas aliadas ocuparam Assunção em 1º de Janeiro de 1869. A melhor solução encontrada para reanimar as tropas foi recrutar novamente Manuel Luís Osório, o Libertador, somente ele poderia levantar o moral dos homens e fazer com que eles prosseguissem na perseguição a El Mariscal. A popularidade de Osório era assustadora, segundo Severo (2012, p.590), o capitão Delphino teria afirmado: "- Ele era um pai para os seus soldados".

O Conde d'Eu reuniu cerca de 31 mil soldados e partiu para a ofensiva em Julho, as tropas aliadas foram cercando vilarejo por vilarejo, tomando em 4 de Agosto Sapucaí e alguns dias depois Ibitimí. Devido à presença das tropas aliadas, López iniciou a fuga para o Norte escoltado pelo General

Bernardino Caballero, deixando o Tenente-Coronel Pedro Pablo Caballero em Peribebuí, para defender seu retraimento (LIMA, 2016).

Na tomada de Peribebuí, o General João Manuel Mena Barreto, que liderava uma das colunas, foi atingido na virilha por um tiro de fuzil, vindo a falecer. Conde d'Eu ficou enfurecido e ordenou que açoitassem o comandante paraguaio e em seguida mandou decapitá-lo, depois ordenou o extermínio dos presos. As execuções só cessaram devido a intervenção do General Emílio Mallet que solicitou ao conde que parasse a carnificina (LIMA, 2016).

Devido aos atos de crueldade cometidos por Gastão d'Orléans em Peribebuí, diversos líderes militares começaram a repensar seu apoio ao novo Comandante-em-Chefe. O General argentino Emílio Mitre anunciou a retirada das forças argentinas do conflito e o general Osório, Marques do Herval, decidiu retornar ao Rio Grande do Sul. Sem seus principais comandantes, o príncipe percebeu o erro que cometeu (LIMA, 2016).

El Mariscal ordenou que o General Bernardino Caballero defendesse o povoado de Acosta Nú, preparando as forças da melhor maneira possível para barrar os aliados. Devido à falta de homens em idade adulta, o Exército Paraguaio contava com um grande número de crianças e adolescentes. Para ocultar dos brasileiros a pouca idade de suas tropas, Caballero ordenou que as crianças pintassem bigodes e barbas, com carvão, para parecerem adultos (LIMA, 2016).

Na noite de 15 de Agosto, as tropas imperiais já cercavam o local aonde os guaranis haviam se posicionado, o lugar era conhecido como Nu-guaçu ou Campo Grande. Na manhã do dia 16 de Agosto, o Conde d'Eu ordenou o ataque, eram 20 mil brasileiros contra 6 mil paraguaios. Foi um massacre, mais de 2 mil soldados mortos paraguaios e apenas 323 mortos do lado brasileiro. Devido ao elevado número de crianças mortas nesse combate, o dia 16 de Agosto é considerado o Dia da Criança no Paraguai (LIMA, 2016).

López seguiu rumo ao Norte, se embrenhando na mata para fugir dos brasileiros. O Imperador Brasileiro ordenou a perseguição do restante do Exército Paraguaio, segundo Severo (2012, p. 608) "O General Câmara foi enviado para o Norte, pelo rio, e de lá com sua Cavalaria iria caçar o diretor aonde ele estivesse."

Em 8 de Fevereiro de 1870, Solano López chegou a Cerro Corá, vilarejo localizado a 454 quilômetros a nordeste de Assunção. O Exército Paraguaio contava com pouco mais de 400 homens, enquanto o Exército Brasileiro contava com 30 mil homens. No dia 1º de Março, cerca de 4 mil homens do General Câmara atacaram o acampamento lopista (LIMA, 2016).

López foi perseguido pelas tropas brasileiras, sendo atingido pela lança do Cabo José Francisco Lacerda, o Chico Diabo, e por um golpe de sabre do Capitão João Pedro Nunes. El Mariscal caiu do

cavalo e recebeu ainda um tiro de fuzil no peito dado pelo Soldado gaúcho João Soares. Ao ver o presidente morto, a tropa brasileira foi tomada por uma euforia selvagem, a Guerra do Paraguai havia terminado (SEVERO, 2012).

3.5 PARAGUAI DEVASTADO

Segundo Francisco Doratício, ao redor do Lago Tuiuti um cenário de guerra, em 24 de maio de 1866, cerca de sete mil corpos humanos jaziam sobre o pântano, muitos deles mutilados. Ali, em território paraguaio, nas proximidades da confluência dos rios Paraná e Paraguai, ocorreu a maior batalha campal já registrada na América do Sul. A batalha começou por volta de 11h, quando 25 mil soldados paraguaios saíram repentinamente das matas próximas ao lago para invadir o acampamento em que estavam 35 mil soldados da Tríplice Aliança.

Apesar da desvantagem inicial causada pelo fator surpresa, a defesa foi beneficiada pelo maior número de soldados e pelo terreno alagadiço, comprometendo a agilidade das movimentações. Seis horas depois, de confronto corpo a corpo, 90% dos mortos eram paraguaios, incluindo vários de seus líderes. Além disso, cerca de 5 mil soldados, muitos deles feridos, haviam sido aprisionados pelos aliados.

O balanço desequilibrado da Batalha de Tuiuti pareceu conduzir a um rápido desfecho da guerra. Os aliados planejaram chegar logo a Assunção e depor o presidente Solano Lopez. Mas, as tropas paraguaias conseguiram resistir por mais quatro anos, até que a população masculina adulta do país tivesse sido praticamente aniquilada.

Quando a capital paraguaia foi finalmente ocupada, Lopez fugiu acompanhado de cerca de 4 mil componentes de um exército formado quase que exclusivamente por idosos e crianças – e que foi massacrado na Batalha de Campo Grande, em 16 de agosto de 1869.

Esse confronto realizado em condições extremamente desiguais, resultou em 2 mil mortes do lado paraguaio, além de 1200 soldados capturados. O episódio foi chamado pelos paraguaios de Batalha de Los Niños e reverenciado como símbolo de heroísmo. O Dia das Crianças no país vizinho passou a ser celebrado na data do conflito.

Para o Imperador brasileiro, faltava capturar ou eliminar o líder Solano Lopez. Caxias, decepcionado, por tentar e não conseguir convencer Dom Pedro II a encerrar o conflito e levar as tropas de volta ao Brasil, ainda mais que os dois aliados – Argentina e Uruguai – já haviam praticamente se retirado em definitivo. Dessa forma, afastou-se de suas funções e assumiu em seu lugar o genro do Imperador, Luís Felipe Gastão de Orléans, o Conde d'Eu, marido da princesa Isabel. Foi sob o

comando do Conde d'Eu, de apenas 27 anos, que o Exército Brasileiro trucidou Idosos e crianças na Batalha de Campo Grande, um episódio a ser esquecido.

4 CONCLUSÃO

Inicialmente abordou-se um histórico geral do conflito, explicando-o em quatro fases: a ofensiva paraguaia no teatro de operações Norte; a ofensiva paraguaia no teatro de operações Sul; a contraofensiva brasileira no teatro de operações Norte; e a contraofensiva aliada no teatro de operações Sul. Após, a definição de Convenção de Genebra e sua importância para as colocações e argumentações apresentadas, o Direito Internacional Humanitário e o Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA) para fundamentar a aplicabilidade da Primeira Convenção de Genebra na Guerra da Tríplice Aliança.

São exemplos de violações graves do DICA matar ou ferir militares que tenham deposto suas armas e que não participam mais das hostilidades; recrutar crianças para participar das hostilidades. “Devido aos atos de crueldade cometidos por Gastão d'Orléans em Peribebuí, diversos líderes militares começaram a repensar seu apoio ao novo Comandante-em-Chefe. O General argentino Emílio Mitre anunciou a retirada das forças argentinas do conflito e o general Osório, Marques do Herval, decidiu retornar ao Rio Grande do Sul. Sem seus principais comandantes, o príncipe percebeu o erro que cometeu” (LIMA, 2016).

Devido à falta de homens em idade adulta, o Exército Paraguaio contava com um grande número de crianças e adolescentes. Para ocultar dos brasileiros a pouca idade de suas tropas, Caballero ordenou que as crianças pintassem bigodes e barbas, com carvão, para parecerem adultos” (LIMA, 2016).

Dessa forma, ficou evidente a violação, seja pelas atrocidades cometidas pelo Conde d'Eu ou pelo recrutamento de crianças por Solano Lopez. Assim, a Primeira Convenção de Genebra seria aplicável ao caso concreto da Guerra da Tríplice Aliança.

Portanto, a primeira condenação proferida pelo Tribunal Penal Internacional anunciada na Câmara de julgamento pelos crimes de guerra de recrutamento e alistamento de crianças menores de 15 anos e pelo uso delas em conflitos no Congo, nos anos de 2002 e 2003, seria revista como a primeira condenação ao aceitar-se a aplicabilidade da Primeira Convenção de Genebra (1864) na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870).

REFERÊNCIAS

BILLYRIOBR. Guerra do Paraguai: Operações Passagem Humaitá 1866-1868. 2010. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Guerra_do_Paraguai-Opera%C3%A7%C3%A3o_B5es_Passagem_Humait%C3%A1_1866-1868.png. Acesso em: 6 jun. 2017.

BRASIL. Ministério da Defesa. Batalha do Riachuelo. 2014. Disponível em: <http://www.defesa.gov.br/index.php/noticias/12875-vitoria-epica-da-armada-brasileira-na-guerra-do-paraguai-completa-149-anos>. Acesso em: 5 jun. 2017.

CERQUEIRA, Dionísio. Reminiscências da Campanha do Paraguai: 1865-1870. Ed. esp. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

DALMOLIN, José Vicente. Guerra do Paraguai. 2014. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-8tvOKKBiWoc/VE7ysmAddyI/AAAAAAAQo/kXK-2dG2ET4/s1600/MAPA.jpg>. Acesso em: 6 jun. 2017.

FRAGOSO, Augusto Tasso. História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1957. v. 2.

FRAGOSO, Augusto Tasso. História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959. v. 4.

GUERRA DO PARAGUAI. Revista de História da Biblioteca Nacional, 2013, n. 97. Disponível em: <http://telecastdehistoria.blogspot.com.br/2011/09/mapa-da-guerra-do-paraguai.html>. Acesso em: 5 jun. 2017.

LIMA, Luiz Octávio De. A Guerra do Paraguai. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

MEIRELLES, Victor. Guerra do Paraguai, 1865. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rendi%C3%A7ao_de_uruguaiana_1865_victor_meirelles.jpg. Acesso em: 6 jun. 2017.

Revista de História da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://telecastdehistoria.blogspot.com.br/2011/09/mapa-da-guerra-do-paraguai.html>. Acesso em: 5 jun. 2017.

SEVERO, José Antônio. Cinzas do Sul: 100 anos de guerra no continente americano. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2012. v. 2.

Constituições brasileiras. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2005.

Convenções de Genebra de 12 de agosto de 1949, Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 1992.